

MÁRIO CARVALHO DA SILVA LEAL
(19/01/1878 – 1954)



PROFESSOR CATEDRÁTICO DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Mário Leal nasceu em 19 de janeiro de 1878. Colou grau em medicina na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 24 de abril de 1902.

Em 1901 foi Interno da 2ª cadeira de Clínica Médica, de 1º de abril até 31 de dezembro do mesmo ano. Em 1902 faltou ao estágio de 01 de janeiro a 02 de março, tendo sido exonerado. Em 1903, já formado, tornou-se Assistente Interino de Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas, nomeado e empossado em 03 de junho, exercendo o cargo até 2 de setembro do referido ano. Em 1904 foi Preparador Interino de Anatomia Descritiva, de 13 de setembro (nomeação e posse) até 11 de dezembro. Em 1906 voltou a ser nomeado e empossado como Preparador Interino de Anatomia Descritiva, em 09 de julho, sendo dispensado em 11 de janeiro de 1907. Ainda em 1907, foi nomeado preparador Interino de Anatomia Médico-Cirúrgica, exercendo o cargo até 12 de junho (PROFESSOR DR MARIO, s/d).

Tornou-se Professor Substituto de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas, aprovado por concurso, sendo nomeado por Decreto de 19 de dezembro de 1907. A Clínica Psiquiátrica, quando foi criada em 1881, não abrangia “as moléstias nervosas”, cujo conteúdo ficava em Patologia Interna. Somente em 1891 as duas áreas se uniram numa única cátedra (JACOBINA, 2001).

Em 1909 regeu a cadeira de Clínica Psiquiátrica e Moléstias Nervosas. Em 1911, tornou-se Professor Extraordinário Efetivo de Clínica Psiquiátrica e Moléstias

Nervosas, exercendo o cargo até 1914, quando passou a Professor Ordinário de Clínica Psiquiátrica apenas, quando a cadeira se dividiu em Psiquiatria e Neurologia.

Com a reforma de ensino médico, realizada pelo Decreto n. 11.530 de 18 de março de 1915, tornou-se professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica (PROFESSOR DR MARIO, s/d).

O catedrático assumiu em outubro de 1925 a direção do Hospital São João de Deus, que só em 1933 seria denominado Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira. Formalmente interina, na prática foi uma direção efetiva do manicômio estatal da Bahia, numa gestão que durou mais de cinco anos; outubro de 1925 a dezembro de 1930 (JACOBINA, 2001). A articulação com a Fameb, iniciada na gestão anterior do também prof. Aristides Novis, foi ampliada, com a implantação de um serviço de anatomia patológica e criação de um laboratório de “Psicologia Experimental”, além da criação do Pavilhão-Colônia para pacientes crônicos. Com as mudanças de 1930, ele, que era um ativo militante do grupo liderado por Góes Calmon, foi destituído do cargo (*Ibidem*).

No cerco da Fameb em 1932 e prisão de 514 estudantes, os mesmos foram levados em “auto-ônibus” para a Penitenciária do Estado, e com a superlotação do presídio, foram distribuídos também em várias delegacias da capital. O Prof. Mário Carvalho da Silva Leal foi preso. Ele era adversário político do *seabrismo* (grupo vinculado ao político JJ Seabra) na Bahia, grupo que era aliado de Vargas e Juracy Magalhães, o interventor na Bahia. Além dele foram detidos também os professores Euvaldo Diniz Gonçalves, Mario Andréa dos Santos, Álvaro Campos de Carvalho, Leôncio Pinto, Eduardo Diniz Gonçalves e Adolpho Diniz (Ver JACOBINA, 2013, capítulo 3).

Sobre sua capacidade de prender a atenção do auditório, há um testemunho de seu colega, Prof. Estácio de Lima: “Quem duvidar [da eloquência], assista às preleções elegantes de Mário Leal, o psiquiatra insigne, que diante de um paralítico geral, arruinado em todos os processados mentais, não se transvia da trilha das expressões mais ricas, nem se descarta de tirar ilações sociais enérgicas” (LIMA, 1992, p.83).

O aluno Ruy Santos, formado em 1928, confirma sua cultura humanística, sua “admirável prosa”, mas, por outro lado, destacou também sua atitude irresponsável “inteiramente sem responsabilidade ou sem consciência dos seus deveres” (SANTOS, 1978, p.197). Esse médico escritor chega a escrever um capítulo em seu livro de memória descrevendo o curso de psiquiatria, que praticamente não teve. No Hospício S. João de Deus, depois Hospital Juliano Moreira, a primeira aula foi uma conversa de amenidades. “Não me lembro de ter ouvido uma só palavra da disciplina” (p.193) Na

vez seguinte não compareceu. “Voltamos lá uma semana ou duas. Desistimos. Gastávamos dinheiro no transporte e perdíamos tempo em vão: não voltamos mais. (...) foi aquilo o meu curso de clínica psiquiátrica” (p.193)

Já o prof. Rodolfo Teixeira (1999), analisando o período de 1943, quando inicia a sua memória histórica, até 1946, ele registra que o prof. Mário Leal era o responsável pela cadeira (p.151), mas silencia de qualquer avaliação, não fazendo o mesmo com tantos outros (p.158-169). Porém, no período seguinte, de 1947 a 1950, ele é implacável: “A psiquiatria, cujo ensino não existiu, praticamente durante muitos anos” (p.215) embora, a seguir, seja injusto com o Prof. Nelson Pires, quando refere que, com o concurso do novo catedrático, “teve, inicialmente, problemas, em razão das características pessoais do docente que havia ganhado a cátedra através de concurso [leia-se Prof. Nelson Pires, no concurso de 1954]. Pouco se sentiu a sua ação didática e acabou retirando-se da Faculdade e da própria cidade” (p.215). Na verdade, foi curta, mas intensa a ação do prof. Pires e ele deixou o país, não só a cidade do Salvador, perseguido pela ditadura militar.

Em abril de 1945, o prof. Mário Leal retornou ao Rio de Janeiro, a serviço do governo, para participar de concurso para Professor Catedrático de Clínica Neurológica na Faculdade Nacional de Medicina (PROFESSOR DR MARIO, s/d).

Em 15 de julho de 1946 foi aposentado compulsoriamente pela idade, de acordo com o decreto de 15 de julho de 1946.

Em sua *Oração de Parainfo*, o prof. Alício Peltier de Queiroz, com indignação, registrou que o prof. Mário Leal, assim como Barros Barreto e Almir de Oliveira, presentes nesta galeria, entre outros docentes da escola *mater* da medicina brasileira, “terminaram os seus grandes dias na pobreza extrema e irremediável” (QUEIROZ, 1959, p.9).

Mário Leal faleceu em 1954. Há um Centro de Saúde Mental com seu nome no bairro do IAPI, em Salvador.

Referências

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. *A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)*. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. 481p.

LIMA, Estácio de. Abertura dos cursos da Faculdade [Aula Inaugural da Faculdade de Medicina da Bahia de 1942]. In: OLIVEIRA, Eduardo de Sá. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, p. 79-87, 1992.

PROFESSOR DR MARIO Carvalho da Silva Leal. Arquivo Geral da FMB-UFBA. Salvador, s/d. 2p.

QUEIROZ, Alicio Peltier de. Oração de Paraninfo proferida na solenidade da colação de grau dos Médicos pela Faculdade de Medicina. Salvador: Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, dezembro de 1959. 14 p.

SANTOS, Ruy. *A Faculdade do meu tempo. Memória-2º volume*. Brasília: Senado Federal, 1978. 248p.



Prof. Mário Leal, Professor Catedrático de Clínica Psiquiátrica